

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC FN JOSÉ PAULO GOFFERMAN DUTRA

VIETNÃ

Vitórias fora e derrota doméstica: a miopia dos EUA nas dimensões informacional e humana durante a Guerra do Vietnã.

Rio de Janeiro

2021

CC FN JOSÉ PAULO GOFFERMAN DUTRA

VIETNÃ

Vitórias fora e derrota doméstica: a miopia dos EUA nas dimensões informacional e humana durante a Guerra do Vietnã.

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF(Rm1)Ohara Barbosa Nagashima

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, à minha família, por ter contribuído, desde sempre, com a minha formação intelectual e de carácter.

À minha esposa, Paula, por estar sempre ao meu lado, seja nos momentos prazerosos, seja nos momentos de dificuldade, sendo, em qualquer ocasião, fonte de apoio e de incentivo.

Aos meus filhos, João Pedro e José Ricardo, por suportarem as minhas ausências e pelos sorrisos e abraços que sempre me motivam a ir em frente.

Ao meu orientador, CF(Rm1) Ohara Barbosa Nagashima, que, com sua serenidade e sabedoria, aconselhou-me durante a realização deste trabalho.

Aos instrutores e oficiais-alunos do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores 2021, por compartilharem seus conhecimentos e pelo companheirismo durante esta jornada.

Por fim, a Deus, por me dar saúde e motivação para a execução deste trabalho.

RESUMO

Os conflitos da atualidade intitulados como conflitos modernos são objetos de pesquisa de muitos estudiosos que os utilizam para entender a complexidade do ambiente operacional contemporâneo. Nesse contexto a guerra do Vietnã se torna uma fonte rica de elementos que nos ajuda a tentar compreender como se consolidou a sistematização da guerra irregular inserida nos conflitos modernos. Na pesquisa optamos por uma abordagem nas dimensões informacional e humana, enfatizadas pela era da informação, que ajuda a responder uma pergunta que paira aos que observam a guerra como um fenômeno social: como uma superpotência com todo o aparato bélico e logístico não obteve sucesso perante uma guerrilha sem grandes estruturas militares? Para responder esse questionamento, utilizamos um estudo comparativo, por meio da aplicação de uma metodologia descritiva e analítica, expondo dados coletados em pesquisa bibliográfica e documental. Para a comparação, dois períodos distintos da guerra do Vietnã foram utilizados como objetos de pesquisa. O primeiro estende-se entre a entrada estadunidense na guerra até a ofensiva do *Tet*, e o segundo de após a ofensiva do *Tet* até o fim da guerra. A propaganda da guerra norte-americana, que tinha uma relação de força, confiança e apoio entre o governo e a sociedade estadunidense se torna, ao longo da guerra, um forte inimigo estratégico. Diversos fatores abalaram a credibilidade do governo, interferindo diretamente nas ações militares na guerra do Vietnã. A opinião pública se torna de uma vez um ator relevante nos conflitos militares, e a legitimidade, legalidade e moralidade das ações são buscadas a todo momento. A comparação permitiu olharmos de maneira detalhada como os Estados Unidos da América entendeu a guerra que estava inserido e responde se negligenciaram ou apenas não estavam preparados para a guerra na era da informação dentro do contexto dos conflitos modernos, o que foi explorado na conclusão da presente pesquisa.

Palavras-chave: Dimensão Informacional. Dimensão Humana. Guerra irregular. Guerra do Vietnã. Guerrilha. Era da informação.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – O ambiente operacional contemporâneo e suas três dimensões.

Figura 2 – Mapa desmembramento do Vietnã em dois territórios.

Figura 3 – Trilha Ho Chi Mihn em apoio a sincronização de ataques na ofensiva do *Tet*.

Figura 4 – Militares das Forças Armadas norte-americanas na Guerra do Vietnã.

Figura 5 – O massacre de *My Lai*.

Figura 6 – Efeito colateral provocado por bombardeio em vilarejo civil.

Figura 7– Imagens da ofensiva do *Tet* televisionadas ao vivo para todo o mundo.

LISTA DE ABREVEATURAS

EUA - Estados Unidos da América

Ex-URSS – ex União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL E TEÓRICA.....	11
2.1	Guerra Irregular.....	13
2.2	Conflitos Modernos.....	16
2.3	Ambiente Operacional Contemporâneo	18
2.4	Guerra na Era da Informação.....	19
3	UM PANORAMA DA GUERRA.....	23
3.1	A formação do terreno fértil para a guerra do Vietnã	23
3.2	As faces da Guerra do Vietnã	25
3.2.1	A primeira face.....	26
3.2.2	O espaço entre o discurso e as ações realizadas.....	31
3.2.3	A segunda face.....	32
4	ANÁLISE COMPARATIVA DAS FACES DO CONFLITO.....	35
4.1	Do início da guerra até a Ofensiva do Tet.....	36
4.2	Da ofensiva do Tet até o fim da guerra	39
5	CONCLUSÃO.....	44
	REFERÊNCIAS.....	47
	ANEXOS.....	49

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que guerrear de forma não convencional ou de forma irregular é uma forma de combater já antiga e conforme observamos ao longo dos últimos séculos, predomina e tende a predominar, pelo menos em números de incidentes, sobre a guerra regular ou convencional, durante o século XXI.

A primeira metade do século XX foi marcada por duas violentas guerras de abrangência mundial, e já em sua segunda metade, pela eclosão de diversos conflitos regionais durante o período da Guerra Fria (1947-1989), cito como exemplos conflitos na região da Península Coreana (1950-1953) e Cuba (1953-1959) onde já se concretizava a nova ordem mundial, com o surgimento das duas grandes superpotências pós Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o que iria delinear as crises nos próximos quarenta anos. Este período perdurou até a queda da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (ex-URSS), a qual era uma das partes, sendo a outra parte o Estado mais beneficiado com as Guerras Mundiais, citado os Estados Unidos da América (EUA). Entretanto, essas superpotências evitariam se enfrentar diretamente, utilizando de territórios de influência para exercer seu poder, um conflito ideológico iniciaria, moldaria e modificaria o ambiente das operações militares de uma vez por todas.

Foram muitos os conflitos e crises nesse período, porém um que se destacou e marcou toda uma era de conflitos foram as Guerras da Indochina, que se retratam como a Guerra da Indochina (1946-1954), seguida da Guerra do Vietnã (1960-1975). Na primeira observamos um conflito mais similar aos demais do período, pois se tratava da luta do povo vietnamita por sua libertação da potência imperial Francesa, onde por aproximados dez anos, forças insurgentes do Vietnã combateram pela tática de guerrilha um exército convencional. Estava marcado na segunda metade do século XX, o primeiro conflito com relevante disparidade, descompasso e desbalanceamento de poder de combate físico, onde forças

irregulares derrotam um poderoso exército colonial convencional, desencadeando inúmeros movimentos de libertação nacional e descolonização, marcando profundamente a história.

Seguindo a sequência das guerras naquela região, iniciamos então a guerra do Vietnã, um conflito que manifestou a significativa mudança que estava por vir no ambiente operacional onde se travavam os atritos. Ao transitar pelos seus quinze anos de conflito temos uma leitura clara da divisão deste novo ambiente operacional em três dimensões: uma dimensão física¹, uma dimensão humana² e uma dimensão informacional³, que serão mais aprofundadas em nosso próximo capítulo (FIG.1, ANEXO A).

Diante do exposto introdutório, esta pesquisa tem o objetivo de comparar, em dois períodos distintos, a postura norte-americana na guerra do Vietnã, face ao movimento de insurgência do Vietnã do Norte liderado por Ho Chi Minh (1890-1968). Primeiramente no período que decorre uma janela temporal compreendida entre o início da guerra e a ofensiva do *Tet*, evento marcante que reescreveu a postura e o alinhamento do discurso político e as ações realizadas no terreno, particularmente na dimensão física. O segundo período será compreendido entre a Ofensiva do *Tet* até o final da guerra. Esses dois períodos serão nossos objetos de estudo nesta pesquisa.

A pesquisa irá se concentrar principalmente nas ações da dimensão humana do conflito permeando sempre na dimensão informacional, diante da interseção indissociável entre essas duas dimensões. Com isso, visamos entender a negligência de grandes exércitos convencionais perante estas dimensões, todavia já bem exploradas e desenvolvidas na guerra irregular pelo lado mais fraco.

¹ A dimensão física considera a preponderância dos fatores terreno e condições meteorológicas nas áreas de operações, bem como a atrição entre as partes causada pelos fogos cinéticos dos armamentos dos combatentes, artilharia, aviação, poder de choque dos blindados e outros que causem danos físicos. (BRASIL, 2014)

² A dimensão humana compreende os elementos relacionados às estruturas sociais, seus comportamentos e interesses, normalmente geradores do conflito. Nesse contexto, a análise do Terreno Humano – agregado de características socioculturais existentes em um determinado ponto no tempo e no espaço geográfico – adquire a mesma relevância da análise do terreno físico (BRASIL, 2014).

³ A dimensão informacional é o conjunto de indivíduos, organizações e sistemas no qual tomadores de decisão são utilizados para obter, produzir, difundir e atuar sobre a informação (BRASIL, 2014).

A vitória tática das Forças Armadas americanas é incontestável, principalmente pelo estrago causado e os números de perdas e baixas causadas pelo oponente na dimensão física. Porém, a vitória estratégica dos vietnamitas, onde sustentaram o esforço de guerra durante quinze anos e então finalmente unificaram o Vietnã é objeto de estudo na história das guerras até os dias de hoje, onde tentamos entender as tomadas de decisão no planejamento e na utilização de recursos militares disponíveis pelos estadunidenses, principalmente na utilização dos fogos não cinéticos⁴, o que pode explicar a derrocada de uma superpotência perante uma guerrilha no contexto da guerra irregular.

Para isso, este trabalho será composto de cinco capítulos. Este primeiro como introdução onde tentamos cercar a abordagem e o objeto a fim de obter a objetividade necessária para a conclusão de um estudo comparativo.

Um segundo capítulo teórico onde encontraremos as bases sólidas para captar argumentos e teorias a fim de enriquecer nosso estudo comparativo. Nesse capítulo, será importante ressaltarmos e diferenciar os diversos conceitos de guerra irregular com suas variações, bem como identificarmos claramente as dimensões do ambiente contemporâneo e suas respectivas interações, com ênfase nas dimensões informacional e humana.

O terceiro capítulo visa realizarmos um panorama geral do conflito abordando os dois períodos de objeto de estudo, pontuando as perceptíveis mudanças de postura das ações americanas durante estes períodos.

No quarto capítulo, iremos realizar uma análise comparativa das ações, visando identificar nos períodos sugeridos tais mudanças de postura nas dimensões humana e informacional da guerra, bem como a forma de aplicação dos recursos militares pelos

⁴ Caracteriza o emprego de atuadores ou de equipes especializadas em ataques, empregando meios de guerra cibernética, guerra eletrônica, operações psicológicas, dentre outros que, não implicando a execução de fogo cinético nem caracterizando o emprego de elementos de manobra ou de proteção, são capazes de provocar danos ou baixas, letais ou não, nas estruturas físicas, centros de comando e controle, redes de computadores, centros de comunicações ou, ainda, afetar o moral das tropas adversárias. Tem por finalidade destruir, neutralizar, negar, degradar ou inquietar o comando e controle do inimigo, reduzindo suas chances de explorar o ambiente operativo (BRASIL, 2015b).

estadunidenses e pelas lideranças vietnamitas nas referidas dimensões.

Por fim, em um quinto capítulo, teremos uma breve conclusão que nos trará uma perspectiva para averiguar se a Guerra do Vietnã foi realmente um conflito na era da informação e teve como desfecho a derrota estratégica estadunidense. Veremos ainda se essa derrota serviu como um repertório de ensinamentos para as forças armadas norte-americanas, a qual iniciou uma atenção maior para outras dimensões no conflito. Discutiremos também se o conflito em questão foi um ponto de inflexão para a o início do desenvolvimento de doutrinas complementares, teorias e *modus operandis* que seriam usados em larga escala nos conflitos que estavam por vir nas próximas décadas.

2 FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL E TEÓRICA

Em sua maioria, os grandes líderes de forças irregulares⁵ da história não eram militares, e sim civis. Como exemplo, temos: Mao Tsé-Tung (1893-1976), Fidel Castro (1926-2016) e Vo Nguyen Giap (1911-2013). Este fato se torna um fator de força, pois assegura a liberdade para pensarem livres das premissas e paradigmas convencionais. Pensam de forma a não reconhecer os limites físicos visíveis no terreno, linhas de operação ou movimentos sincronizados, ou ainda se descompromissado das grandes manobras doutrinárias e consagradas da história, obtendo, assim, vantagens proporcionadas pelas táticas, técnicas e procedimentos da guerra irregular, como, por exemplo, a grande capacidade de surpreender e a grande atuação na dimensão humana e informacional dos conflitos. O que na verdade difere de tempos anteriores é que antes eles o faziam de forma empírica e hoje observamos forças irregulares guerreando de forma sistemática.

Por meio de pesquisas da história das guerras, no que tange o estilo de guerrear ou técnicas utilizadas por tropas não convencionais, observamos que não há nenhuma grande novidade na atuação por parte das forças irregulares no terreno informacional ou humano, buscando sempre efeitos que degradem o exército mais forte, focando sempre em suas maiores vulnerabilidades.

A mudança causada pela sistematização da guerra irregular pode ser explicada por diversas correntes teóricas. É então que surgem as diversas nomenclaturas para os conflitos modernos: baixa intensidade, quarta geração, centrada em redes, guerra de 3 quadras, guerra de terceira onda, guerra pós moderna, guerra irrestrita, entre outras. Será mesmo que a guerra mudou? Será que os grandes estrategistas vistos como visionários em suas épocas eram mesmo visionários? Estavam a frente de seu tempo? Ou será que eles apenas compreendiam muito bem o presente, enquanto os outros tinham a convicção de um ambiente das últimas

⁵ O MD35-G-01 GLOSSÁRIO DAS FORÇAS ARMADAS diz que Forças Irregulares são Forças capacitadas à execução da guerra irregular, caracterizadas por organização não institucionalizada.

batalhas que participaram? Então o que realmente mudou ? A forma de guerrear e o tipo de guerra ou o ambiente operacional onde elas são travadas? Entender essas perguntas e compreender de forma plena o ambiente que estamos guerreando sempre foi uma questão crucial a ser respondida.

Com o passar das décadas, principalmente após II Guerra Mundial, essas mudanças aconteceram de forma cada vez mais veloz, ocasionando um aumento de complexidade para compreender e acompanhar essas mesmas mudanças. Líderes que conseguiram compreender e acompanhar essas mudanças obtiveram consideráveis vantagens nas tomadas de decisões e escolha das estratégias durante os conflitos.

Sendo assim estamos centrados na pesquisa de uma guerra que marca a transição não só para os conflitos modernos, mas também para a Era da Informação dos conflitos, a qual se propõe ser a grande mudança, que molda os conflitos até os dias de hoje, e que deu à dimensão informacional do conflito uma grande importância nas operações militares.

Os exemplos são numerosos para demonstrar como a informação, seja em forma de imagem ou texto, tem influenciado as ações militares dos exércitos mais poderosos. Durante a Guerra Fria, os EUA e a ex-URSS perceberam a importância da dimensão informacional nos conflitos do Vietnã e do Afeganistão, respectivamente. Apesar de possuírem capacidades militares bem superiores do que seus oponentes, tanto os EUA como a ex-URSS perderam a campanha militar e retiraram suas tropas, pois seus oponentes foram hábeis em explorar o conflito em outros níveis e dimensões. (BRASIL, 2018)

Iremos agora nos debruçar sobre os principais conceitos de guerra irregular a fim de entender de forma clara o tipo de guerra que ocorreu no Vietnã e as ações realizadas pela guerrilha vietnamita na dimensão humana e informacional. Importante ainda termos a plena noção onde este conflito se situou no contexto mundial. Sendo assim, definiremos os conflitos modernos e as guerras na era da informação.

Por fim, devemos conceituar bem o ambiente operacional contemporâneo que molda esses conflitos através de conceitos trazidos por doutrinas que tratam e entendem este terreno humano e informacional.

2.1 Guerra Irregular

Considerando o glossário das Forças Armadas, o MD-35-G-01, aprofundaremos a compreensão de algumas definições do interesse desta pesquisa. Começaremos pela definição de guerra irregular.

A guerra irregular é o conflito armado executado por forças não regulares ou por forças regulares empregadas fora dos padrões normais convencionais, contra um governo estabelecido (movimento revolucionário) ou um poder de ocupação (movimento de resistência). Engloba a guerra de guerrilhas, a subversão, a sabotagem e o apoio à fuga e evasão. Vejamos agora a definição de guerra de guerrilha.

A guerra de guerrilha é a forma de guerra irregular que compreende as operações de combate executadas em território sob controle do inimigo, por forças predominantemente locais, de um modo militar ou paramilitar, a fim de reduzir a eficiência do governo estabelecido ou do poder de ocupação nos campos político, econômico, psicossocial e militar. Seria o mesmo que guerrilha.

A partir destas definições já podemos alinhar o conflito do Vietnã. A guerrilha é bem caracterizada como uma tática que reúne técnicas e procedimentos que não são exclusivos dos mais fracos. Uma técnica conhecida seria a de escolher onde e quando combater, com golpes agressivos e precisos e seguido de uma fuga rápida, utilizado largamente pelos Vietcongs⁶.

A fim de caracterizar ainda mais o combate irregular, nos apoiamos em Visacro

⁶ Vietcongs são como ficaram conhecidos os integrantes do exército irregular formado por sul-vietnamitas que lutaram na Guerra do Vietnã junto ao exército do Vietnã do Norte contra a coalizão formada pelos Estados Unidos e pelo governo do Vietnã do Sul.

(2009) para o descrever como um combate de caráter ativo, inconstante, fluido e informal e que tem desafiado os estudiosos das guerras, que tentam colocá-lo sob os padrões doutrinários rígidos da guerra regular. A dificuldade de se tecer conceitos didáticos permitiu o surgimento de uma série de definições de uso comum como “pequena guerra”, “guerra não convencional” e “guerra de baixa intensidade”.

Recorrendo novamente ao nosso glossário das Forças Armadas observamos a definição de guerra não convencional como qualquer conflito que não se enquadre nos termos da Guerra Convencional, seja por não se inserir nos padrões clássicos de emprego do poder militar, seja pela utilização predominante de armas consideradas não convencionais. Definição bem alinhada a outras vistas anteriormente (BRASIL,2015a).

Já a guerra assimétrica será considerada como um conflito armado que contrapõe dois poderes militares que guardam entre si marcantes diferenças de capacidades e possibilidades. Trata-se de enfrentamento entre duas partes com esmagadora superioridade de poder militar de uma delas. Neste caso, normalmente o partido mais fraco adota majoritariamente técnicas, táticas e procedimentos típicos da guerra irregular. (BRASIL,2015a). Com a sutil diferença que pode ser travada também entre dois Estados constituídos.

Com estas definições ampliaremos nosso entendimento sobre as ações planejadas e empregadas para contrapor as forças irregulares pelas forças armadas norte-americanas na Guerra do Vietnã, sempre nos atentando às dimensões que são objeto de estudo.

Por fim observamos alguns manuais de guerrilha, como por exemplo, o Minimanual do guerrilheiro urbano (1969), de Carlos Marighella (1911-1969). Em seus registros já observamos a metodologia sistematizada de ações pré planejadas da guerrilha. Podemos citar premissas doutrinárias, das forças irregulares na dimensão informacional e humana, corroborando com a assertiva que, estas Forças compreenderam antecipadamente, as

três dimensões do ambiente contemporâneo e a forma de combater nesse ambiente. Alguns pequenos trechos deste manual citam assuntos relacionados ao apoio da população, informações, propaganda e o que ele chamou de “guerra de nervos”, que conhecemos hoje como Guerra psicológica. Nos diz Mariguella:

As possibilidades que o governo tem de descobrir e destruir o guerrilheiro diminuem à medida que o potencial dos inimigos do ditador tornam-se maiores e mais concentrados entre as massas populares.

O inimigo é observado pela população, mas desconhece quem dentre a população passa informações aos guerrilheiros. Os militares e a polícia são odiados pelas injustiças e violência que tem cometido contra a população, e isto facilita a obtenção de informação prejudicial às atividades de agentes do inimigo.

Já que nossa luta toma lugar entre as massas e depende de sua simpatia - enquanto que o governo tem uma má reputação devido a sua brutalidade, corrupção e incompetência.

A guerrilha nunca deve fracassar em instalar uma imprensa clandestina para a propaganda e agitação contra o governo.

É suficiente ganhar o suporte de parte da população e isto pode ser feito popularizando uma frase: "Deixe que aquele que não quer fazer nada pelos revolucionários, faça nada contra."

A guerra de nervos ou guerra psicológica é uma técnica agressiva, baseada no direto ou indireto uso dos meios de comunicação de massas e notícias transmitidas oralmente com o propósito de desmoralizar o governo.

A guerrilha deve apresentar denúncias a embaixadas estrangeiras, às Nações Unidas, a anuñciatura do papa, e as comissões internacionais judiciais defensoras dos direitos humanos ou da liberdade de imprensa, expondo cada violação concreta e o uso de violência militar e fazendo conhecer que a guerra revolucionária irá continuar seu curso com perigos sérios para os inimigos da população (MARIGHELLA, 1969)

Observando estas claras citações nos perguntamos se as forças armadas americanas tinham ciência destas premissas difundidas em larga escala nos livretos das forças irregulares por Giap, Mao Tse Tung e Ho Chi Minh, no que tange a dimensão humana e informacional, do porquê na Guerra do Vietnã parecer que essas dimensões foram negligenciadas pelas Forças Armadas norte-americanas, gerando consequências que degradaram de vez o poder de combate estadunidense, culminando com sua derrota estratégica. Os grandes centros de estudos militares estadunidenses não conseguiram prever ou erraram muito nas previsões da importância dessas dimensões em detrimento de seu poderio material bélico centrado na dimensão física? Ou apenas não estariam preparados para este novo ambiente? São questões que esperamos entender nos próximos capítulos desta pesquisa.

2.2 Conflitos Modernos

Na primeira metade do século XX, a concepção da guerra total e ilimitada da teoria de alguns estrategistas do passado, gerou uma busca pelas enormes campanhas militares que geraram a violência em sua plenitude nas chamadas guerras de atrição. O choque direto de forças aéreas, terrestres e marítimas, sempre na dimensão física, definiria a parte vencedora (VISACRO, 2018).

Todavia, a constante presença da mídia, organizações não governamentais, humanitárias e a influência da opinião pública em todos os níveis têm caracterizado um cenário onde exércitos nacionais permanentes, com grandes gastos e moderna tecnologia, parecem sem eficácia e ultrapassados. Por outro lado, insurgentes e guerrilheiros resistem a frente de todos os esforços para exterminá-los. Nas úmidas selvas do sudeste asiático, nas imponentes cadeias montanhosas da Ásia ou nos centros urbanos superpovoados de países pobres ou em desenvolvimento, o Estado vem se defrontando com ameaças difusas e complexas, as quais não conseguem extinguir. (VISACRO, 2009)

A questão material sempre é levada em consideração quando falamos em guerra irregular devido a sua característica assimétrica. O lado mais forte tende a pesar e se colocar em vantagem devido a esse fator material. Porém, observamos que existe uma ilusão material pelo lado mais forte, que é facilmente contornado pela grande adaptação e flexibilidade do lado mais fraco, muito pelo motivo do fator humano, a nossa conhecida vontade de se manter lutando e a capacidade de aceitar perdas. O Estado, por sua vez, não suporta tais perdas, principalmente pela grande influência dos atores citados no parágrafo anterior.

As inovações e transformações materiais refletem de alguma forma como as frações militares atuam no ambiente dos conflitos. Nos conflitos chamados de guerra moderna, as forças conflitantes lutam no meio do povo, e não mais em batalhas campais, e a conquista da sua simpatia pela representa um importante objetivo estratégico das operações

militares. Porém, essa dinâmica ainda é de difícil compreensão de muitos decisores envolvidos diretamente nos conflitos modernos.

A assertiva de Kissinger⁷ (1923-), quando descreveu em 1969 a Guerra do Vietnã, onde ele diz: “a guerrilha ganha quando não perde. O Exército convencional perde quando não ganha”, ou ainda o famoso diálogo entre Cel Tu, Chefe da delegação norte-vietnamita e o Coronel Harry Summers, em que o oficial americano disse ao Coronel Vietnamita, pouco antes da capital do Vietnã do Sul sucumbir, em 1975: “ O senhor sabe que jamais nos derrotou no campo de batalha”. E o norte-vietnamita respondeu: “Pode ser, mas isso é irrelevante, os guerrilheiros ganham quando não perdem” (KISSINGER, 1969).

A guerra irregular se apresenta então como uma luta de imaginação, engenhosidade e improvisação entre vontades que se opõem. Os comandantes devem estar sempre em condições de adaptar-se, modificar, ou mesmo, abandonar táticas, técnicas e procedimentos usuais de modo a enfrentar a situação em curso (BRASIL, 2008).

Observamos, a citação a seguir:

Conquistar a vontade do povo é um conceito muito claro e elementar, mas é incompreendido ou ignorado pelas instituições políticas e militares de todo o mundo. Os políticos continuam a aplicar a força bélica para chegar a uma condição, no pressuposto de que os militares a criarão e a manterão. E embora os militares compreendam, desde há muitos anos, a necessidade de conquistar “corações e mentes” das populações locais, esta atividade é vista como de apoio à derrota de insurretos e não do ponto de vista do objetivo global e, muitas vezes, recebe recursos insuficientes e restringe-se a medidas de baixo nível para melhorar localmente as condições e sorte do povo (SMITH, 2008, *apud* VISACRO, 2018, p. [173]).

Para efeito desse trabalho, consideramos “guerras modernas” aquelas realizadas na era da informação, que têm sido travadas por meio de ações simultâneas de naturezas distintas, não necessariamente militares. Possuem significativa variação do nível de intensidade do uso da força com nível grande de métodos modernos de guerra. (VISACRO, 2018).

⁷ Henry A. Kissinger Cientista político americano, que, como conselheiro para assuntos de segurança nacional e secretário de Estado, foi uma grande influência na formação da política externa dos EUA de 1969 a 1976 sob os presidentes Richard M. Nixon e Gerald R. Ford.

2.3 Ambiente Operacional Contemporâneo

Em um ambiente de incertezas, tem sido cada vez mais complexo identificar claramente um inimigo direto. Neste novo ambiente de operações, apesar de ainda ocorrerem alguns conflitos com características de exércitos de massa, a declaração formal de guerra entre Estados deixou de ser uma regra (BRASIL, 2014).

Uma característica marcante foi que a opinião pública, está menos propensa a aceitar o emprego da força pelas Forças Armadas do Estado. Esta influência sobre as operações militares atualmente, é atribuída pela importância atual à legitimidade da causa para o uso da força, a qual é determinada pela legalidade com base em diplomas legais nacionais e internacionais e respaldada por Organismos Internacionais, e pela moralidade, isto é, atos de guerra devem ser moralmente aceitos pela opinião pública interna e externa (BRASIL, 2014).

Observamos que nos bancos escolares militares, o foco do esforço é concentrado na dimensão física, considerando a preponderância dos fatores terreno e condições meteorológicas nas áreas de operações. As modificações na natureza dos conflitos, resultantes das mudanças tecnológicas e sociais, estão impondo uma visão que também considere as influências das dimensões humana e informacional nas operações militares (BRASIL, 2014).

A dimensão humana compreende os elementos relacionados às estruturas sociais, seus comportamentos e interesses, normalmente geradores do conflito. Nesse contexto, a análise deve incluir, também, os aspectos relevantes do terreno humano.

A dimensão informacional também tem destacada importância, uma vez que as mudanças sociais atualmente decorrem diretamente dos avanços na área de Tecnologia da Informação e Comunicações (TIC), que proporcionam elevada capacidade de transmissão, acesso e compartilhamento da informação. Em uma sociedade cada vez mais influenciada pela informação, reveste-se de destacada importância, uma vez que a percepção estabelecida

como válida nas mentes de um ou mais públicos-alvo – a narrativa dominante – pode ser considerada um ponto decisivo nas operações militares contemporâneas e o “terreno” informacional passa a ser tão importante quanto o físico e o humano. Uma frase do dramaturgo grego Ésquilo, pai da tragédia, que cita: “Na guerra, a verdade é a primeira vítima”, nos deixa intrigado o quanto podemos explorar tal dimensão (BRASIL, 2018).

A crescente importância das questões relacionadas à dimensão humana direciona planejadores e decisores à questão da legitimidade. Ela envolve o controle da narrativa (percepções) e a produção de reflexos no nível de aceitação das sociedades, quanto à necessidade da ação militar para a solução de conflitos. Portanto, a legitimidade constitui-se em um importante fator que pode influenciar a liberdade de ação dos comandantes em todos os níveis, devendo ser constantemente buscada. É ainda igualmente importante reconhecer a influência da informação sobre as relações entre os atores que participam da dinâmica dos conflitos: a mídia, os civis não combatentes, os grupos e organizações presentes em áreas conflagradas, o público de massa – nacional e internacional – e os dirigentes e líderes em todos os níveis. A informação tornou-se, assim, o componente primordial da Era da informação e uma poderosa ferramenta para influenciar, interromper ou afetar a capacidade do adversário de tomar e compartilhar as suas decisões. Essas ações tornaram-se imprescindíveis no ambiente operacional contemporâneo (BRASIL, 2014).

2.4 Guerra na Era da Informação

Nas crises armadas que envolvam atores estatais contra atores não estatais, a atuação das forças armadas convencionais deve ser a base que garanta a credibilidade e a legitimidade para uma campanha contundente de comunicação estratégica. Obter e manter o controle da narrativa é fundamental para as pretensões do governo em manter o discurso de uma “guerra limpa”. Porém, priorizar ações cinéticas em detrimento de ações não cinéticas,

pode ser o caminho para o fracasso. Somado a isso, obter o apoio da população local, e da opinião pública doméstica, bem como a aprovação da comunidade internacional são condições fundamentais para alcançar o sucesso (VISACRO, 2018).

A guerra na era da informação trouxe uma releitura de paradigmas antes consagrados, que ao se deparar com a velocidade da informação alinhada ao poder da opinião pública em influenciar de forma decisiva nos conflitos atuais tornou um ambiente que antes era mais previsível e com ameaças predefinidas e até permanentes com suas lentas mudanças para um ambiente difuso, com ameaças imprevisíveis e incertas alinhado às suas rápidas mudanças.

Nesse período Visacro (2018) afirma que, o poder hegemônico do Estado o propiciava exercer forte influência sobre as massas. Por meio de impactantes campanhas de propaganda estatal, precedentes aos conflitos, era possível mobilizar a opinião pública interna e assegurar o engajamento popular no esforço de guerra. Entretanto, com os contínuos e progressivos avanços das TIC, essa realidade não perdurou.

Nesse contexto, a percepção que a população tem da realidade é de suma importância controlar a “narrativa” é não apenas comunicar bem, mas comunicar primeiro. Dessa constatação, decorrem outras duas:

- Nas situações para as quais a sociedade aceita a solução pela via militar, espera-se que o emprego da força seja seletiva, gradual, proporcional e de curta duração. O excesso de força é dispendioso e, por isso, inaceitável; e

- Perder o controle da narrativa pode levar a sérias restrições à liberdade de ação e até mesmo impor a derrota no Espaço de Batalha.

A comunicação com as sociedades nacional e global determina a narrativa dominante. A importância atribuída à opinião pública, portanto, transforma-a em um dos Centros de Gravidade a ser conquistado em qualquer situação de emprego da força (BRASIL,

2014)

Visacro (2018) destaca que o amplo acesso à informação digital, além da ineficiência de controle dos Estados sobre os meios de comunicação de massa, são fatores que determinam a falta de aptidão dos governos em acomodar a opinião pública aos seus interesses. E ainda, o alcance e os impactos imensuráveis dos conteúdos produzidos e compartilhados nas mídias sociais, representam uma fonte paralela e autônoma de poder informacional.

A ênfase do esforço do poderio bélico militar na era da informação muda então da destruição total do inimigo pelo esforço em “ter razão”, ou seja, ter moralidade, ter o domínio e o apoio da opinião pública em nível mundial. Algo extremamente complexo visto que o apoio interno já se torna difícil, porém a nível global na era da informação já se torna necessário estar alinhado perante o mundo, os órgãos intergovernamentais e os acordos de organizações estatais.

Ainda, alinhado com o pensamento de Rupert Smith (1943), o General Álvaro de Souza Pinheiro (2007, apud VISACRO, 2018, p. [209]) afirma:

Aprender a lidar com as complexidades humanas e culturais, características dos conflitos irregulares atuais, transformou-se num aspecto fundamental [...]. O conhecimento cultural tornou-se impositivo porque é, atualmente, um poderoso multiplicador de forças. Significa muito mais do que o mero conhecimento de línguas. Consubstancia-se no conhecimento histórico, costumes sociais e religiosos, valores e tradições. Não raro, esse conhecimento se torna mais importante que o conhecimento fisiográfico do terreno. A empatia transformou-se numa poderosa arma. Soldados são na atualidade, impositivamente adestrados na obtenção do apoio da população o que, conseqüentemente, resultará na obtenção de inteligência humana, imprescindível para a campanha [...]. O conhecimento cultural e a habilidade para construir laços de confiança proporcionarão uma proteção da força mais efetiva do que qualquer colete blindado (PINHEIRO, 2007, apud VISACRO, 2018, p. [209]).

As motivações dos conflitos mudaram, enquanto que antes eram apenas interesses políticos e econômicos, agora observa-se um acréscimo de interesses sociais, ambientais e ideológicos. Outra mudança marcante é a visão da guerra como um fenômeno social simultaneamente com a política e não apenas a vontade política e seu poderio bélico tradicional. A multiplicidade de meios empregados na guerra na era da informação é outro

fator de peso nessa análise, a comunicação de massa por diversos canais e a perda do controle da informação face ao anterior controle da propaganda da guerra e monopólio estatal da informação.

Visacro destaca concordando com esta afirmação:

A revolução da informação tornou antiquada e ineficaz a compreensão da guerra segundo a dinâmica das sociedades industriais. O fortalecimento da opinião pública, a onipresença dos órgãos de imprensa, a redução do controle estatal sobre as agências de notícia, o acesso irrestrito aos meios de comunicação de massa, a disseminação da informação digital em escala planetária, a globalização da informação e o alcance ilimitado das mídias sociais levaram a um achatamento dos níveis decisórios [...] Considerações políticas, estratégicas e táticas permeiam toda a cadeia de comando até os menores escalões, tornando-se componentes intrínsecos e indissociáveis no campo de batalha do século XXI [...] a usual segregação de meios militares e não militares quanto a obsessão pela “vitória a qualquer custo” deixaram de ser uma opção razoável (VISACRO, 2018, p. [103]).

As comunicações são globais e instantâneas e não mais mobilizadas antecipadamente moldando a narrativa e conseqüentemente a opinião pública a favor dos interesses políticos do Estado. O campo de batalha não é mais definido por barreiras geográficas no terreno, não existem limites e nem teatro de operações, a guerra se torna verdadeiramente sem fronteiras.

3 UM PANORAMA DA GUERRA

Neste capítulo, primeiramente iremos observar o conflito de forma holística, como tudo se encaminhou e como foram formadas as condições para o surgimento dos atores envolvidos. Em seguida iremos decompor, a fim melhor compreender nossos objetos de estudo, com foco em alguns pontos que merecem destaque na pesquisa.

3.1 A formação do terreno fértil para a guerra do Vietnã

Ao longo de sua história, o Vietnã adquiriu grande tradição em termos de resistência à ocupação estrangeira: mongóis no século XIII, chineses no século XV, japoneses, franceses e norte-americanos no século XX. Observando o século XX, vemos a região da “Indochina Francesa” sendo invadida pelo Japão logo após a invasão da França pela Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial. O Partido Comunista Indochinês, fundado por Ho Chi Minh, nessa ocasião, postergou sua revolução socialista, fundando a Frente pela Independência do Vietnã, ou Vietminh, adquirindo mais integrantes com sentimentos nacionalistas entre seus militantes (VISACRO, 2009).

Com o término da Segunda Guerra Mundial, os japoneses, que já sofriam com a guerra irregular empreendida pelo Vietminh, retiraram-se da península. Ho Chi Minh, nessa oportunidade, proclamou em Hanói, a República Democrática do Vietnã. Logicamente, a França se mobilizou para retomar suas colônias. Porém, apesar de bem treinadas, as tropas francesas eram pouco numerosas, sendo obrigadas a se concentrarem nas áreas mais povoadas. Isso conferiu liberdade de movimento aos grupos guerrilheiros, que aos poucos foram retendo a iniciativa das ações e colocando os franceses na defensiva. Com a escalada da violência, gerada por um incremento constante dos ataques por parte dos guerrilheiros, os franceses implementaram represálias que não pouparam a população. Já o Vietminh buscava identificar e se vingar de colaboradores das forças coloniais. Sendo assim, a população, que

sofria pelos dois lados, não tardou a escolher dar apoio aos guerrilheiros (VISACRO, 2009).

O terreno humano parecia se moldar de forma natural para Ho Chi Minh, onde a sucessão de exércitos que transpassaram pela região da Indochina, ao mesmo tempo que desenvolviam e fortaleciam a forma de guerrear dos norte-vietnamitas. Também forjaram a identidade daquele povo, em sua força e perseverança na busca do que acreditavam, consolidando cada vez mais a vontade incansável de combater, norteadas por onde almejavam chegar perante todas as batalhas travadas e conseqüente enormes perdas humanas. A população do Vietnã, que seria a base da sustentação da guerra de guerrilha, aderiu exponencialmente a causa de Ho Chi Minh, e este seria o ponto magno do sucesso norte-vietnamita.

Outro acontecimento que favoreceu Ho Chi Minh foi a tomada do poder pelos comunistas na China. Logo o Vietminh passou a contar com aquele país, não somente como um refúgio seguro, mas também com apoio político e militar, recebendo assessoria e farto material bélico. Isso conferiu ao Vietminh poder suficiente para empreender também batalhas convencionais contra os franceses, retornando à guerrilha quando isso lhe convinha. Neste cenário, a opinião pública francesa, cansada de guerras, fez com que o Estado francês abrisse mão de suas colônias na região. A Indochina Francesa deixou de existir. O Laos e o Camboja também receberam suas independências e o Vietnã foi desmembrado em dois territórios: a Cochinchina e Amam (limitado pelo paralelo 17°N) formaram o Vietnã do Sul, com regime pró-ocidental em Saigon. Ao norte, o Vietminh estabeleceu um governo com orientação comunista em Hanói (VISACRO, 2009). (FIG.2, ANEXO B)

No âmbito da história militar, as Guerras da Indochina ficaram marcadas como o modelo do embate de forças assimétricas: exércitos regulares contra formações guerrilheiras. Ainda que a guerrilha não tenha surgido no Vietnã, eles utilizaram com maestria esse instrumento típico da luta do fraco contra o forte.

3.2 As faces da Guerra do Vietnã

Para Magnoli (2006), a Guerra do Vietnã, visava a unidade do Estado vietnamita e o futuro do seu regime político e econômico. Sob a ótica dos Estados Unidos da América, o foco era o futuro geopolítico da Ásia e a configuração geral da esfera de influência soviética no continente. Cabe ressaltar que a guerra decorre sob o contexto da Guerra Fria, cuja lógica ideológica se impunha sobre as motivações nacionais, étnicas ou religiosas de diversos conflitos regionais.

Após a divisão do país em 1954, o governo instalado no Vietnã do Sul conservou as contradições coloniais, mantendo a exploração capitalista europeia. Seu governo corrupto e impopular, logo tornou-se também autoritário, implementando medidas repressivas e excessivamente violentas. Este fato elevou ainda mais o apoio popular dado aos comunistas (VISACRO, 2009).

Podemos dizer que a guerrilha derrotou as forças coloniais francesas, porém, em relação aos Estados Unidos, a derrota não ocorreu nas florestas do Vietnã, mas sim no campo de batalha da opinião pública estadunidense, ou seja, na dimensão informacional. Profissionais da imprensa que, corajosamente, encararam os questionamentos e narrativas do governo sem apresentação de fatos pertinentes que poderiam desconstruir a tese de que a decisão política da retirada americana representou a renúncia à perspectiva realista de vitória militar. (MAGNOLI, 2006)

Sendo assim, diferentemente de muitos autores que dividem o conflito em três fases, iremos dividi-lo em duas “faces”, aludindo às posturas adotadas pelos estadunidenses e como eles apresentavam ou tentavam apresentar a guerra ao seu público interno bem como ao mundo. Uma primeira face, que se desenvolve até a Ofensiva do *Tet*⁸, seguindo de uma

⁸ Ataque lançado pelos norte-vietnamitas em 30 de janeiro de 1968 sobre várias posições norte-americanas e sul-vietnamitas durante o tradicional cessar fogo no feriado mais importante do país.

segunda face onde a postura do discurso norte-americano perante a guerra do Vietnã foi encarado de forma mais estratégica.

3.2.1 A primeira face

Neste primeiro momento, Washington tinha a convicção que o Vietnã do Norte poderia ser levado à mesa de negociação apenas pela demonstração da disposição norte-americana em sustentar o esforço de guerra do Vietnã do Sul. Esta linha de ação perdurou durante a administração de Johnson até o fim de 1964, quando os EUA resolveram pelo envio de tropas terrestres regulares ao Vietnã (MAGNOLI, 2006).

Magnoli (2006) cita ainda que, apesar da visita a Saigon pelos conselheiros da alta cúpula de assessores diretos de Kennedy, que colocam em cheque o futuro da influência dos EUA em todo sudeste asiático com a possível queda do Vietnã, Kennedy e, por algum tempo, Johnson não optaram aumentar o efetivo militar. Nesse período, mais precisamente, no início de 1962, o exército sul-vietnamita mobilizava 200 mil combatentes, e, em contrapartida, o Vietcong controlava parte considerável das montanhas e das selvas do Vietnã do Sul.

Relembramos que o apoio estadunidense ao Vietnã do Sul encontrava dificuldades tanto no campo militar quanto no político, pois, de um lado, o governo sul-vietnamita perdia a liderança com seus camponeses e, por outro, uma declaração assinada em Genebra sobre a neutralidade do Laos, que em resultados práticos proibia que as forças norte-americanas e do sul-vietnamita interferissem em trechos laocianos da trilha Ho Chi Minh. A trilha guardava um grande valor estratégico visto que conectava logisticamente a guerrilha Vietcong às suas bases e refúgios no Vietnã do Norte (MAGNOLI, 2006). (FIG.3 ANEXO C)

As derrotas fora do campo de batalha, mais do que moldar estratégias físicas de combate, já anunciavam a guerra que estava por vir, sendo o campo de batalha inundado de atores estranhos, aos antes conhecidos entre forças opositoras de conflitos convencionais. A

opinião pública, a mídia, a política, os interesses econômicos e o poder discurso no controle de narrativas nunca estiveram tão sobrepostos e já anunciavam o novo modelo do ambiente operacional contemporâneo onde revelam seus poderes de influência nos conflitos modernos.

Com a situação tornando-se insustentável, os EUA decidiram intervir diretamente. Devido a questões diplomáticas com a China e a ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (ex-URSS), inicialmente estava vetado atuar diretamente no território norte vietnamita, assim como no Laos e no Camboja, países vizinhos. Os norte americanos concentraram-se em sua mobilidade de poder de fogo, dedicando-se às operações ofensivas com grupos de “caça e destruição”, deixando a importante tarefa de contra-insurgência nas aldeias, para o despreparado, corrupto e impopular exército sul-vietnamita (VISACRO, 2009).

De acordo com os registros históricos observa-se como os EUA já decidiram por moldar o ambiente que iriam combater, focando sua estratégia na dimensão física, negligenciando a dimensão humana, deixada em segundo plano, sob responsabilidade do exército sul-vietnamita, que logicamente não desenvolveriam o trabalho necessário. Em contrapartida, a guerrilha já sabia muito bem o que fazer para moldar o terreno humano, sabiam sua importância na sustentação da guerra e até mesmo que nele se balizam o caminho do sucesso e da vitória.

Com as ações não atingido os efeitos esperados em seu tempo os EUA precisavam de mais liberdade de ação, e assim iniciou-se busca para a escalada militar estadunidense, que teve no cenário do Golfo de Tonkin, os episódios que culminaram no engajamento direto, onde, possivelmente, barcos de patrulha norte-vietnamitas dispararam contra um destróier norte americano, que operava nas ilhas costeiras, evento que implicou na aprovação da Resolução do Golfo de Tonkin, pelo Congresso estadunidense, que conferia poderes quase ilimitados ao presidente para prevenir novos ataques contra forças estadunidenses (MAGNOLI, 2006).

O advento da narrativa dominante e do controle da informação se coloca já neste ponto desde o início das hostilidades, e logo nos perguntamos: até que ponto esta versão colocada para o congresso americano foi a verdadeira? O incidente proporcionou ainda liberdade para a realização de diversos ataques aéreos a alvos militares no Vietnã do Norte, representando o primeiro bombardeio norte-americano às instalações em solo norte-vietnamita. Podemos dizer que este incidente internacionalizou de vez o conflito.

Sendo assim, com Lyndon Johnson tem-se o marco verdadeiro da Guerra do Vietnã para os EUA, nos momentos seguintes, a participação direta da comunidade internacional foi concretizada. O ano de 1965 marcou o início oficial da Guerra do Vietnã. O número de tropas americanas presentes no sul do Vietnã cresceu exponencialmente. Nesse contexto, as operações contra os vietcongues se mostraram mais agressivas, os regimentos foram desarmados e destruídos. Mesmo assim, no final de 1965, o número de combatentes da guerrilha se mantinha superior a duzentos mil (HASTINGS, 1969).

A campanha propagandista da administração do presidente americano Lyndon Johnson (1963-1969) é vista como uma das mais marcantes de todo o período da Guerra Fria. Ela possuía três nítidas metas: convencer a população a enxergar a guerra como desejada pela administração; realçar a importância e a necessidade absoluta da guerra; e mostrar que as intervenções americanas eram feitas de forma não agressiva, utilizando a força somente em último caso (PAGE, 1996).

Tentando materializar o discurso político, a Operação *Rolling Thunder*⁹ tinha como objetivos: impulsionar o moral do Vietnã do Sul, persuadir o Vietnã do Norte a cessar seu apoio à insurgência comunista no Vietnã do Sul, destruir o sistema de transporte, as bases industriais e as defesas aéreas do Vietnã do Norte e interromper o fluxo de homens e materiais para o Vietnã do Sul. A sugestão era a ameaça de destruição, a fim de demonstrar a

⁹ Foi uma campanha de bombardeio aéreo gradual, de 1965 a 1968, conduzida pelos Estados Unidos da América, e pela Força Aérea da República do Vietnã contra o Vietnã do Norte.

determinação estadunidense, em preterição a própria destruição em si. Dessa forma, os bombardeios seriam realizados de forma gradual em alvos exclusivamente militares, mantendo-se alvos protegidos fora de perigo. Registra ainda que houve uma proibição de ataques aéreos a uma distância de 30 e de 10 milhas náuticas, respectivamente, de *Hanoi* e do porto de *Haipong* (OPERAÇÃO, 2017).

Esta narrativa a respeito dos objetivos da Operação *Rolling Thunder* tenta aproximar a campanha propagandista do governo junto às ações realizadas no terreno. Um alinhamento aparentemente perfeito se não fossem os canais não oficiais de comunicação que estavam famintos por material jornalístico, sedentos para levar a Guerra para dentro dos lares das pessoas comuns de todo mundo, pessoas que não estavam envolvidas nem mesmo indiretamente no conflito e nem se quer se importavam ou sabiam o que estava acontecendo naquela região. Estes jornalistas, novos atores da guerra moderna, pouco imaginavam o verdadeiro poder da dimensão informacional na condução da Guerra. A guerra entra de uma vez na era da informação.

Pelo lado do Vietnã do norte, antes do início da Operação, a liderança comunista já convocava uma guerra popular, pautada nos princípios da Guerra de guerrilha, contra a guerra aérea, onde cada cidadão seria um soldado, e cada rua, vila e fábrica, seria uma fortaleza, e que todos, exceto aqueles considerados indispensáveis à manutenção da vida na capital, deveriam ser evacuados para o campo (OPERAÇÃO, 2017).

Foi perceptível que apesar do discurso de “não agressividade” ou “utilização da força proporcional necessária”, em abril de 1966, o número de bombas que caiu sobre o Vietnã do Norte por mês ultrapassou a totalidade de bombas utilizadas em toda a Segunda Guerra Mundial. Os bombardeios cresceram ainda mais nos meses seguintes. Na teoria, os ataques norte-americanos possuíam valores meramente estratégicos. Porém, além do alto índice de mortalidades, milhares de casas, hospitais e escolas foram totalmente destruídos.

Esse aniquilamento foi diretamente acompanhado pela mídia e acarretou em uma série de críticas pelos próprios ocidentais. O grau de legitimidade americana era lentamente dissolvido (HASTINGS, 1969).

Ainda sobre esta longa operação, a fase da campanha em 1967, foi a mais intensa em número de sortidas e de lançamento de bombas, com a autorização de novos alvos, visavam-se neste momento, sistemas de energia elétrica, unidades industriais de apoio à guerra, defesas aéreas e instalações de armazenamento de petróleo. Todavia, os rumos mudaram no início de 1968, devido a ofensiva do *Tet*. Neste momento, o presidente dos EUA formulou uma política gradual de desescalada militar, pois não estava satisfeito com as constantes falhas da campanha aérea, na medida em que não atingiam o êxito proposto na consecução dos objetivos. Acrescentamos ainda que Johnson estava em meio a uma campanha de reeleição e o movimento anti-guerra aumentava os rumores na opinião pública norte americana, o que o fez concentrar o poder aéreo em alvos secundários, encerrando a Operação *Rolling Thunder* (ELLSWORTH, 2003).

Johnson optou fazer uma campanha convencional contra os vietcongs infiltrados no Vietnã do sul. Seu principal objetivo era garantir a defesa de Saigon e outras cidades de relativa importância e, em paralelo, romper a coesão do Vietnã do Norte. Dessa forma, decidiu por uma estratégia de atrito e de missões de caça e destruição, demandando grande número de recursos humanos (MAGNOLI, 2006). Em contrapartida Ho Chi Minh já entendia do que se tratava aquele embate de vontades e expõe com a frase: “Vocês me matarão dez homens, enquanto eu lhes matarei um, mas, mesmo com essa conta, vocês não poderão agüentar e eu ganharei.” (VEJA, 1999)

Apesar de seu poderio militar e sua capacidade de projetar poder, os norte americanos não estavam ambientados com as características profundas da guerra irregular. Sua formação militar alicerçava-se na Guerra de Secessão e nos combates convencionais dos

dois conflitos mundiais e da Guerra da Coréia. Já a doutrina revolucionária comunista, tanto chinesa quanto soviética, estava totalmente à vontade nesta modalidade de guerra (VISACRO, 2009).

3.2.2 O espaço entre o discurso e as ações realizadas.

A propaganda oficial da administração de Johnson agora deparava-se com uma série de problemas. Durante as eleições do ano de 1964, Johnson promoveu uma campanha extremamente pacífica. O então candidato prometeu aos eleitores americanos que nenhum soldado seria despachado para lutar na batalha que pertencia aos sul-vietnamitas. Outra afirmação de sua campanha foi que o Vietnã do Norte não seria bombardeado. Ironicamente, três meses após sua eleição, tropas americanas bombardeavam o Vietnã do Norte e instalavam-se no Vietnã do Sul (PAGE, 1996).

McNamara (1916-2009) anunciou que estavam vencendo a guerra. Um ano depois, monges budistas atearam fogo em si mesmos e morreram queimados, protestando contra as restrições a celebrações religiosas do regime apoiado pelos EUA (MAGNOLI, 2015). Essas imolações, filmadas e fotografadas, chocaram a opinião pública doméstica. A partir de então, uma série de eventos revelaram a dissonância entre a versão oficial e a realidade da guerra.

Apesar das tímidas tentativas de contenção de informações, e ainda domínio da narrativa pela voz oficial do governo estadunidense, a mídia e a população americana compreenderam que uma guerra havia se materializado. *The Credibility Gap* é o termo utilizado nesse período para ilustrar o ceticismo dos americanos em relação à veracidade das informações divulgadas pelo governo. Os crescentes movimentos pacifistas provaram que, em 1966, a maioria dos americanos opunha-se à guerra e às campanhas elusivas do governo. As tentativas de Johnson de esconder a expansão da guerra e promover versões otimistas, porém

desleais, sobre o conflito e a força militar norte americana não geraram o esperado efeito tranquilizante. Pelo contrário: a população mostrou-se confusa e dividida. Enquanto uma parcela predominante exigia o fim do conflito, outra defendia a presença norte americana no território estrangeiro. Podemos concluir que o presidente Johnson superestimou os limites de manipulação pela propaganda. (BIA, 2013).

Podemos observar que neste período as ações em terra realizadas no nível tático/operacional não correspondiam ao discurso do governo, ou seja, o nível político, ocasionando um nítido fratricídio informacional, traduzindo em termos operativos, a falta de coordenação da dimensão informacional com a dimensão física. Sendo assim, o governo em seu nível político inicia uma nova postura o que chamamos nesta pesquisa de uma segunda face estadunidense no conflito.

3.2.3 A segunda face

O momento que se inicia após a ofensiva do *Tet*, um sentimento de vitória que dominava os ares estadunidenses deu lugar a uma séria crise política de grandes proporções. A opinião pública norte americana, a partir daquele episódio, iniciou a forte percepção de que a guerra seria longa. Os protestos internos aumentaram sobremaneira e isso refletiu na tropa, em sua maioria de conscritos, que traziam de terras norte americanas as contradições sociais, a segregação racial e o uso de drogas indiscriminado entre os jovens (VISACRO, 2009).

Perante a mídia, as Forças Armadas dos EUA apresentavam indicadores positivos na contagem de corpos dos combatentes oponentes. Porém, esses indicadores pouco abalaram a vontade de lutar dos norte-vietnamitas, enquanto que as baixas estadunidenses aumentavam consideravelmente impactando visivelmente o moral da tropa norte americana (MAGNOLI, 2006). (FIG 4- ANEXO D)

Esta ofensiva, possibilitou à tropa estadunidense perceber claramente suas

vulnerabilidades, o episódio que se fez por quase um mês ininterrupto e feriu profundamente a vontade norte-americana de lutar naquela guerra. Fato que colaborou para isso foi de os norte vietnamitas terem retomado o controle de inúmeras cidades que estavam anteriormente sob o controle da poderosa tropa estadunidense (MAGNOLI, 2006).

Apesar da ofensiva do *Tet* não ter sido tão bem sucedida do ponto de vista tático, na dimensão física, norte americanos ao verem *vietcongs* nas ruas de Saigon e mesmo nos jardins de sua embaixada, somado ao cerco realizado na Base Aérea de Khe Sanh, pelo Vietnã do Norte, que foi televisionado e acompanhado de dentro dos lares estadunidenses, durante 77 dias, observamos que se surpreenderam e abalaram psicologicamente além dos combatentes, também a população dos EUA. Podemos dizer então que mesmo no nível tático, na ótica da dimensão informacional e humana do ambiente de operações a ofensiva teve um sucesso considerável.

A sensação de que a guerra não seria curta, reforçado pela ofensiva do *Tet*, fez com que a opinião pública questionasse a credibilidade da gestão de Johnson. Observando este ponto, podemos concluir que os *vietcongs* alcançaram uma vitória também político/estratégica, pois, como dito antes, além de afetaram a vontade estadunidense em continuar na guerra, persuadiram Johnson a não buscar a reeleição, demonstrando para seu sucessor que o discurso da necessidade de continuidade de Forças norte americanas na guerra não teria sustentação (MAGNOLI, 2006).

Outro evento que acelerou a derrocada dos EUA na guerra ocorreu em março de 1968, quando militares norte americanos ocupam o pequeno povoado de My Lai, tentando localizar desesperadamente guerrilheiros infiltrados, a fim de dar resposta ao ocorrido na Ofensiva do *Tet*. Não encontrando *vietcongs*, atiram a queima roupa em mais de 300 civis vietnamitas, tornando este evento um dos símbolos trágicos da guerra, o conhecido massacre de *My Lai* (MAGNOLI, 2006). Este episódio somado a outras denúncias de bombardeios

secretos proibidos, por veículos de comunicação consideráveis como o jornal francês *Le Monde* e o estadunidense *New York Times* ocasionaram o efeito devastador para a imagem norte americana, a situação das tropas estadunidense no Vietnã torna-se moralmente insustentável. (FIG. 5 – ANEXO E)

Logo após este evento em 1968, são firmados então os Acordos de Paris e os Estados Unidos retiram suas tropas da Indochina, adotando os conceitos da “paz com honra” e da “vietnamização”, criados, respectivamente, pelo Presidente Nixon e pelo conselheiro de Segurança Nacional Henry Kissinger. O período foi caracterizado pela combinação da redução gradual das tropas americanas no Vietnã do Sul com pesados bombardeios aéreos contra o Vietnã do Norte e a capacitação do Vietnã do Sul para travar a guerra sem assistência estrangeira (MAGNOLI, 2006).

Em janeiro de 1973, os Acordos de Paris são firmados, o tratado determina o cessar fogo e a retirada do pessoal militar remanescente. Ocorre o estabelecimento de dois governos no Vietnã do Sul, o de Van Thieu e o do Vietcong e o plano de reunificação do Vietnã. Em junho, o congresso estadunidense aprovava uma emenda proibindo novo envolvimento militar no sudeste asiático. A decisão desmoralizou as promessas realizadas pelos EUA, no sentido de apoiar militarmente o novo governo do Vietnã do Sul, caso de uma eventual violação ao cessar-fogo, por parte dos vietcong. Após a saída dos americanos, a guerra se estendeu até 1975 entre as forças do norte e do sul. Porém, sem condições de resistir ao avanço dos comunistas do Norte, o Vietnã do Sul capitulou em 1976. Naquele ano, o Vietnã se reunificou, transformando-se em uma república socialista (MAGNOLI, 2006).

4 ANÁLISE COMPARATIVA DAS FACES DO CONFLITO

Neste capítulo pretendemos realizar uma breve análise das duas posturas adotadas pelos norte-americanos nos espaços temporais citados anteriormente, particularmente no que tange a dimensão informacional e humana no ambiente de operações.

Antes de analisar separadamente os dois períodos devemos considerar alguns fatores que pesaram a favor dos norte vietnamitas em ambos os períodos. O primeiro foi o apoio fornecido pela China e pela ex-URSS, tanto na dimensão física, economicamente e militarmente, quanto na dimensão informacional, traduzida pelo apoio político que restringiu a liberdade de manobra estratégica estadunidense.

Apesar dos incessantes ataques por terra e pelo ar, o porto de *Haipong* mantinha suas atividades logísticas de recebimentos de ajuda externa, abastecendo o sul pela trilha Ho Chi Minh em apoio aos *vietcongs*. A trilha, operada por milhares de vietnamitas, como sabemos, alimentou o esforço de guerra norte vietnamita durante todo o conflito. Este fato reforça a importância da base de apoio da população, no incansável trabalho braçal, a fim sustentar o esforço de guerra. Mostra a História que este esforço prolongado acontece regularmente em nações com alta motivação ideológica, e devem sempre ser alvo de uma específica e detalhada análise, a fim planejar ações assertivas para mitigar este efeito.

Os EUA erraram ao se acomodarem em sucessos de campanhas anteriores, por exemplo na II Guerra Mundial, acreditando que todos estavam em consenso com sua posição de prestígio no cenário internacional, e quando iniciaram suas ações no campo psicossocial, os corações e mentes dos camponeses já estavam envolvidos pelas ideias de Ho Chi Minh.

Entendemos hoje que há grande probabilidade que a principal causa da vitória norte vietnamita tenha sido o incansável apoio popular, somada a falta de popularidade do governo de sul vietnamita e a falta de habilidade das forças norte americanas no combate

irregular, fazendo uso desproporcional e indiscriminado de todo seu poderio bélico. Todos esses fatores em conjunto conspiravam a favor dos comunistas, particularmente na dimensão humana.

Os EUA realizaram dezenas de operações de busca e destruição e pesados bombardeios em pontos estratégicos para o esforço de guerra norte-vietnamita. A intensidade era tamanha, que arrisco a dizer que poucos exércitos no mundo se manteriam com o ímpeto dos *vietcongs*, demonstrando que nem sempre as bem sucedidas operações na dimensão física se traduzem em uma marcante vantagem estratégica. Logo, pontuamos que ações estratégicas nas dimensões humana e informacional são de igual importância às ações realizadas na dimensão física, quebrando os padrões de sua primazia no terreno.

4.1 Do início da guerra até a Ofensiva do *Tet*

Sabemos que a guerra do Vietnã foi uma guerra revolucionária e não convencional, onde a guerrilha utilizou suas técnicas sendo sua principal vantagem sobre as tropas norte americanas, se beneficiando das vantagens apresentadas pelo ambiente de selva, pela assistência dos camponeses e pelo fértil terreno da dimensão informacional. Já a conduta norte-americana demonstrou a falta de eficiência das formas convencionais de guerrear perante um conflito com características irregulares.

A guerra irregular representa, primeiramente, o abandono de dogmas consagrados da guerra convencional, doutrinas e regras estabelecidas entre as partes conflitantes, ou seja, as convenções estabelecidas pelos organismos internacionais são literalmente desprezadas pelos condutores da guerra irregular. E isso se deve ao fato de que a vantagem contra uma potência superior está justamente na imperscrutabilidade, no que nunca foi feito antes ou o que não “poderia ser feito” seguindo as regras. O ambiente difuso dos combatentes junto à população civil, e mesmo na participação desta de forma direta ou indireta nos conflitos, é o que

contraria todas as convenções pré-estabelecidas. Este vem sendo o maior desafio dos exércitos convencionais.

Seria difícil admitir ou visualizar, por tropas convencionais, que em uma guerra revolucionária, o centro de gravidade deve ser o povo, algo muito subjetivo e pouco mensurável para a formação acadêmica cartesiana dos militares mais ortodoxos. Pelo outro lado, citamos a guerrilha, que não só acreditava firmemente nessa teoria como a praticavam com maestria. Episódios demonstram os insurgentes tendo como preocupação desde os momentos iniciais a conquista de corações e mentes de atores não necessariamente da linha de frente de batalha.

Porém seria um equívoco dizer que os norte-americanos abdicaram totalmente das ações de contra-insurgência na dimensão humana durante o conflito. O que se observa, foi a lenta implementação e de pouca expressão, quando comparadas às ações na dimensão física. Forças especiais presentes no país desde 1957 obtiveram bons resultados, principalmente com as tribos montanhesas do planalto central: os chamados *montagnards*, viviam isolados e mantinham uma hostilidade histórica com o povo das planícies. Sua organização em grupos civis irregulares de defesa teve bastante êxito e foi efetivo na contenção de infiltrações comunistas (VISACRO, 2009).

Outras duas ações foram implementadas a fim de mitigar os efeitos causados na dimensão humana. A primeira foi a criação de aldeias para a realocação da população, na tentativa de isolá-la dos comunistas, e uma segunda em maio de 1967, onde criaram a Agência de Apoio a Operações Civis e Desenvolvimento Revolucionário com a missão de realizar ações de inteligência junto aos camponeses, repelir a presença vietcong nas áreas rurais, gerenciar os recursos destinados à pacificação e fomentar o desenvolvimento das aldeias. Estas estratégias não lograram êxito, a primeira devido as novas aldeias serem alocadas em áreas onde os Vietcongs tinham alguma influência e além disso foram previstas a

criação de um número muito elevado de aldeias, incompatível com o prazo dado para a tarefa, resultando em várias delas inacabada, contribuindo para a relutância da própria população realocada em abandonar sua terra natal. Já o principal motivo do fracasso da segunda iniciativa norte-americana, se deve à elevada degradação política e social do Vietnã do Sul e, principalmente, devido ao ceticismo do pensamento militar ortodoxo norte americano (VISACRO, 2009).

É notável que as ações realizadas pelos norte-americanos foram realizadas com planejamentos sem profundidade no campo psicossocial. Além disso, estas ações não obtiveram um alto grau de importância no conjunto da estratégia norte-americana, talvez pelo mesmo motivo da inexperiência do combate irregular, andando ao lado da inexperiência da atuação nas dimensões humana e informacional no campo de batalha. O estudo do terreno humano não aprofundado, ou não realizado por pessoal especializado com a antecedência desejável para o desenvolvimento das ações, tornou estas ineficazes ou até mesmo contrárias aos objetivos. Podemos caracterizar estas afirmações pelo comportamento da população perante as ações planejadas de realocação descritas nos parágrafos anteriores. Naquela ocasião poderíamos classificar a população como “alvos”, sendo estes não atingidos devido ao comportamento não desejável ou hostil.

Podemos dizer então que a probabilidade de utilização dos mesmos métodos e táticas que os utilizados pelos guerrilheiros não seria algo descartado nos planejamentos militares, confirmando que as ações da guerrilha não foram realizadas de forma empírica, ao contrário do que provavelmente os norte-americanos acreditavam, que aos insurgentes se norteavam por um planejamento fraco ou sem controle. Podemos comprovar esta afirmação com a leitura de um dos primeiros livretos, protótipo das doutrinas guerrilheiras, que a guerrilha já atuava de forma sistematizada na dimensão humana e informacional.

Um dos problemas principais do guerrilheiro é sua identificação com as causas populares para ganhar o apoio popular.
Quando as ações governamentais se tornam corruptas e ineptas, o guerrilheiro

urbano, não deve hesitar em demonstrar que ele se opõe ao governo e ganhar a simpatia das massas (MARIGUELLA, 1969).

Ao se deparar com citações como esta, nos perguntamos novamente se era de conhecimento das forças norte americanas este *modus operandis* da guerrilha e o porquê do planejamento detalhado não contemplar ações mais incisivas e decisivas nas dimensões que cabem a atuação perante a guerra moderna na era da informação, ao invés de concentrar o todo o esforço principal na dimensão física aos moldes dos combates convencionais da era industrial.

4.2 Da ofensiva do *Tet* até o fim da guerra

O Vietnã foi um problema que se arrastou por quatro governos estadunidenses, Eisenhower, John Kennedy, Lyndon Johnson e Richard Nixon. Até mesmo Kennedy e Nixon, que pregavam uma postura com pouca solução militar, defendendo “respostas alternativas” a crise, comprometeram-se perante a opinião pública interna a reavaliar o envolvimento norte americano na indochina como um todo e, até por isso, elegeram-se presidentes. Em termos práticos, não deixaram de tomar decisões políticas e apoiar decisões militares que contrariaram seus próprios discursos, mostrando que a política externa norte-americana é muito mais dogmática e inflexível do que aparenta ser.

O Coronel Visacro (2009) apresenta um dado relevante, de que em 1969, no auge do conflito do Vietnã, 80% dos gastos norte-americanos no Sudeste Asiático eram para as Forças Armadas. Na sua avaliação, teria sido melhor se o recurso fosse empenhado na reconstrução do Vietnã do Sul após *Tet*. Somado a este comentário, observamos o fato que após o *Tet* a aprovação popular americana em relação ao governo atingiu apenas 26%.

Estes dados combinados nos demonstra o quanto já se tem a “humanização” da guerra, que agora é acompanhada por civis telespectadores, estimulados por formadores de opinião que muitas vezes não são nem mesmo especialistas nos assuntos relacionados a

guerra, e que antes não os interessavam, mas que agora percebem que podem até mesmo opinar e influenciar na liberdade de manobra dos planejadores militares. Já não era mais somente a dimensão física protagonizando as ações, a dimensão humana se tornara tão qual relevante nas tomadas de decisões.

A famosas declarações disseminadas por Ho Chi Minh tinham o teor que a Guerra contra Vietnã ele ganharia nas ruas dos EUA, e isto desperta a indagação se os estadunidenses forçaram-se a não acreditar neste poderoso instrumento que surgia como fator relevante na condução da guerra em todos os níveis. Confiaram que apenas seu poderio bélico e seu discurso legitimista seriam suficientes para combater o novo ingrediente da guerra , a moralidade. Não adiantava mais ser legal e legítimo, tinha também que ser moral. Isso pesou na balança para a opinião pública levando a derrocada norte-americana e revelando uma segunda face perante ao modo de condução da guerra.

O impacto das imagens dos combates, sobre a descontente opinião pública interna, foi decisivo ao revelar dois aspectos essenciais do conflito. Primeiro, apesar de seu elevado custo e dos pronunciamentos oficiais, a Guerra do Vietnã estava muito longe de seu fim. E, segundo, os Estados Unidos da América desempenhavam o papel de potência opressora. O resultado da ofensiva comunista sobre a opinião pública internacional foi igualmente danoso, levando o governo de Washington ao isolamento político (VISACRO, 2009)

A guerra Vietnã atestou também a eficácia da propaganda feita pelo lado mais fraco, que soube influenciar a opinião pública internacional, ao enfatizar os abusos cometidos pelo exército dos EUA, que usavam de força desproporcional contra um inimigo consideravelmente inferior do ponto de vista militar, mas que defendia sua soberania e sua integridade territorial, configurando, assim, o princípio da “guerra justa” por parte dos vietnamitas. Outro fator importante foi a atuação da própria imprensa estadunidense, que, a

partir dos feitos e da figura de Giap, criou um mito:

Após a ofensiva do Tet, a revista *Time* referiu-se a Giap como um perigoso e astuto inimigo que tornou-se uma espécie de lenda no Vietnã do Norte e do Sul pela surpreendente derrota imposta por ele à França em Dien Bien Phu. [...] um dos principais fomentadores [...] da arte da guerra de guerrilhas, um estrategista de grande talento que os especialistas militares americanos comparavam com o marechal de campo alemão Erwin Rommel.’ [...] A *Newsweek*, um impresso como seu rival, solenemente declamou que ‘a audaciosa ofensiva do Ano Novo Lunar de Giap tinha, em um único golpe, alterado dramaticamente o curso da guerra’. (CURREY, 2005, p. 270, tradução nossa).

A derrota foi construída nas cidades dos Estados Unidos, não nas selvas e montanhas da Indochina. No Vietnã, travou-se a primeira guerra da “era da informação” e as câmeras, os fotógrafos e os repórteres praticamente não encontraram restrições na cobertura das batalhas. O retorno de corpos de soldados americanos mortos, os confrontos urbanos do *Tet*, a matança incessante nas selvas, o massacre de civis inocentes foram transmitidos pela TV, reproduzidos em fotos, narrados em reportagens. A publicidade recebida pelas investigações do massacre de *My Lai* deveu-se à ação de uma imprensa livre e vibrante. O Vietnã tornou-se uma síndrome política e cultural nos EUA (MAGNOLI, 2006).

Para Bruno Silva (2008), a expressiva quantidade de soldados americanos mortos no conflito (em sua maioria muito jovens) criou um profundo sentimento de desilusão, tristeza e revolta na população dos EUA, refletindo na opinião pública, que começou a pressionar com mais vigor o governo norte americano. Mesmo com a grande quantidade de baixas do lado comunista, a guerrilha se mantinha firme e o desgaste das forças americanas e sul vietnamitas era cada vez maior. O conhecimento do teatro de operações por parte dos vietcongues, a inexperiência dos americanos naquele tipo de conflito e a pressão da opinião pública, com protestos nas ruas, fizeram os Estados Unidos saírem da guerra em 1973.

Mais uma vez recorrendo a Westmoreland onde ele entende cita que a televisão foi o seu maior inimigo na Guerra do Vietnã, sendo que ela sempre fora aliada a estratégia de propaganda estadunidense, acabou contribuindo negativamente dessa vez. O controle hábil da informação não foi observado causando danos irreparáveis à credibilidade norte-americana na

guerra.

Ficou claro que o discurso no nível político deve estar alinhado às ações táticas no terreno, pois esses ingredientes somados ao conflito na era da informação, em sociedades democráticas, é essencial contar com um forte apoio popular para se empreender uma guerra prolongada. Os danos humanos e informacionais se mostram mais prejudiciais e duradouros do que os causados na dimensão física. Um exemplo contundente foi em maio de 1972, onde pilotos sul vietnamitas bombardearam inadvertidamente um povoado no Vietnã do Sul. A foto de uma menina nua, queimada pela bomba incendiária, fugindo do local em chamas tornou-se emblemática, e atravessa gerações até os dias de hoje. (FIG 6- ANEXO F)

A vitória vietnamita se construiu antes mesmo de se travarem as primeiras hostilidades contra os estadunidenses. A construção da coesão interna com uma forte liderança e os corações e mentes de seu povo bem trabalhados. Hanói tinha também a plena compreensão do ambiente operacional contemporâneo como um todo e do tipo de conflito travado, no caso, o irregular, que assegurou a eles vantagens consideráveis na dimensão informacional e humana, a fim de compensar a inferioridade na dimensão física.

Todo esse processo na luta contra o Vietnã do Norte traçou uma profunda cicatriz entre os planejadores e decisores da guerra nos EUA. Em que o temor da perda do apoio popular perante um grande número de baixas sem perspectivas claras de conquista dos objetivos militares e políticos, provocaria a paralisia estratégica da máquina de guerra norte-americana. Em 1975, com a tomada Saigon pelo Vietnã do Norte declarando a unificação do país, marca o golpe final que selou a derrota de uma superpotência para um inimigo que, atuando sobre um centro de gravidade não convencional, através de uma dimensão do ambiente operacional que não foi a física, minou os elos da corrente que sustentavam o esforço de guerra norte americano no terreno humano e informacional.

Corroborando com Magnoli (2006), a Guerra do Vietnã assinalou a decadência e a

crise daquilo que se nomeou de “estilo americano de guerra”. Posteriormente à sua retirada, os Estados Unidos substituíram seu exército de conscritos por forças armadas profissionais e deflagraram uma revolução militar baseada na plena incorporação das tecnologias da informação e um forte emprego de equipes de assuntos civis e operações psicológicas fato que pôde ser observado, nas Guerras do Golfo, em 1991 e 2003, momentos nos quais se estabeleceram um novo “estilo americano de guerra”, superando o insucesso na Indochina.

5 CONCLUSÃO

O propósito do presente trabalho foi comparar a postura norte-americana, em dois períodos distintos da guerra do Vietnã. Os períodos escolhidos como objetos da pesquisa foram compreendidos entre a efetiva entrada dos EUA na guerra até ofensiva do *Tet* e após a Ofensiva do *Tet* até a retirada da tropa estadunidense da guerra. O foco principal de nossa comparação foi a abordagem nas dimensões humana e informacional do ambiente operacional contemporâneo, inseridas em um contexto de guerra irregular. Houve a necessidade de nos debruçarmos no que entendemos atualmente como a guerra moderna na era da informação, e como os norte-americanos enxergavam a forma de guerrear neste ambiente.

Para atingir esse propósito a pesquisa contou com cinco capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos a dinâmica da pesquisa, sua proposta e o método a ser adotado.

No segundo, buscamos conceitos e bases teóricas atinentes ao ambiente operacional contemporâneo e suas dimensões. Conceituamos também Guerra Irregular e destacamos técnicas, táticas e procedimentos utilizados pela guerra de guerrilha, particularmente, nas dimensões informacional e humana. Permeamos indagações do que mudou nos conflitos modernos, relacionando fatores de politização, opinião pública e propaganda, alavancando a guerra irregular.

Um outro assunto abordado no segundo capítulo foi a sistematização da guerra irregular com ações focadas na opinião pública e no terreno humano, sendo considerada como centro de gravidade, a fim compensar a inferioridade bélica. A exploração da vontade de combater as tropas e o ataque à legitimidade para fazer a guerra, demonstram que os conflitos na era da informação estão ligados aos aspectos morais e psicológicos, e não mais à pura e simples confrontação física.

No terceiro capítulo, procuramos abordar a História da guerra do Vietnã por uma

visão holística, enfatizando episódios atinentes a guerra na era da informação em um ambiente diferente daquele enfrentado pelos estadunidenses em conflitos anteriores recentes. Assim, foi possível desvincular a dimensão física das outras dimensões, a fim de procurar entender as ações realizadas no terreno humano e informacional, foco da pesquisa.

Ainda no terceiro capítulo, que o subdividimos para caracterizar as duas faces apresentadas pelos norte americanos na condução da guerra, onde os seguidos presidentes estadunidenses, ao passo que a guerra foi se tornando longa devido a sustentação do esforço de guerra não esperado da guerrilha do vietnã do norte, percebem a dissociação do discurso político com as ações militares no terreno físico e humano. Isto refletiu sobremaneira na dimensão informacional, acarretando aos norte americanos o descontrole e descoordenação das ações informacionais, sendo essa dimensão negligenciada, inicia assim sua derrocada na guerra, culminando com a derrota estratégica dos EUA.

Com isso, concluímos que o sucesso tático norte-americano na dimensão física se tornou irrelevante já que taticamente não foi assegurado também o sucesso nas dimensões informacional e humana do conflito.

No quarto capítulo, iniciamos uma análise comparativa, ao identificarmos evidências que ilustrassem as diferentes posturas das ações norte americanas nos períodos selecionados como objeto de estudo, conflitando com as ações negligenciadas nas dimensões humana e informacional.

As faces apresentadas pelos norte-americanos foram caracterizadas por uma condução da guerra inicialmente próxima ao que entendemos de uma guerra convencional, sem limitação para o sofrimento proporcionado aos combatentes e a população civil, muito semelhante às passadas guerras mundiais. Após o evento da ofensiva do *Tet*, o mundo e o público interno dos EUA voltam suas atenções à guerra do Vietnã, que se torna uma guerra ao vivo em televisores dos lares estadunidenses (FIG 7- ANEXO G). No Vietnã, ao contrário dos

conflitos armados anteriores, os repórteres não encontraram censura ou restrições, aliado a tecnologia da informação e o contato direto com a tropa. As cenas de retorno de corpos de jovens soldados norte americanos, a cobertura televisiva ao vivo dos confrontos do *Tet*, o vazamento de noticiários sobre o massacre de *My Lai* e os efeitos colaterais sobre civis e sobre o meio ambiente foram fatores que alimentaram os crescentes movimentos antiguerra e que abalaram a opinião pública em geral, refletindo-se de modo decisivo na condução guerra. Estes eventos contribuíram para o entendimento que a derrota norte-americana foi edificada nas cidades estadunidenses, e não nas selvas do Vietnã. Uma consequência disso foram as constatações por generais que combateram na guerra do Vietnã, que imputaram culpa à mídia pela derrota estadunidense.

Observamos que a derrota norte-americana motivou a modificação de diversos conceitos doutrinários e destacou a necessidade de desenvolver diversas doutrinas complementares alterando a forma de guerrear dos governos posteriores ao Vietnã, como exemplo a guerra do Golfo (1991) e Afeganistão (2001), onde o controle e o planejamento das ações na dimensão informacional tiveram peso igual às ações na dimensão física.

Sendo assim este trabalho atingiu seu propósito ao comparar a mudança de postura apresentada pelos norte-americanos nos dois períodos escolhidos para objetos de estudo, ressaltando a importância do planejamento detalhado das ações nas dimensões humana e informacional, a fim de conquistar os objetivos traçados em todos os níveis de condução da guerra. Os ensinamentos colhidos na pesquisa devem ser destacados para constante desenvolvimento, uma vez que a probabilidade de nos depararmos com conflitos dessa natureza não é baixa. Por esse motivo, sugerimos à Marinha do Brasil possuir sua doutrina e sua tropa sempre atualizada sobre o tema, particularmente nas dimensões que ainda não dominamos o planejamento de ações de forma plena, cito a informacional e a humana.

REFERÊNCIAS

- BIA, K. Credibility gap. [S.l.]: The Vietnam War, 2013. Disponível em: <<http://thevietnamwar.info/vietnam-war-fact-credibility-gap/>>. Acesso em: 02 mai. 2021.
- BRASIL. Comando Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. *CGCFN-31.2. Manual Contra Forças Irregulares dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais, 1ª Edição*, Rio de Janeiro, 2008.
- BRASIL. Estado-Maior da Armada. *EMA-335 Doutrina de Operações de Informação*. Ed., Brasília, 2018.
- BRASIL. Ministério da Defesa. *MD35-G-01 Glossário das Forças Armadas, 5ª Edição*, 2015a.
- BRASIL. Estado-Maior do Exército. *C45-4 Manual de Campanha Operações Psicológicas, 3ª Edição*, 1999.
- BRASIL. Estado-Maior do Exército. *EB20-MC-10.213 Operações de Informação, 1ª Edição*, 2014.
- BRASIL. Estado-Maior do Exército. *EB20-MC-10.206 Manual de Campanha Fogos, 1ª Edição*, 2015b.
- CURREY, Cecil B. Victory at any cost: The genius of Viet Nam's Gen. Vo Nguyen Giap (the warriors). Florida: Potomac Books, 2005.
- ELLSWORTH, John K. *Operation Rolling Thunder: Strategic Implications of Airpower Doctrine*. Pennsylvania: U.S. Army War College, 2003. 31 p. Projeto de Pesquisa. Disponível em <<https://apps.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a414074.pdf>>. Acesso em: 02 mai. 2021.
- FRANÇA, Lessa Júnia; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas*. 8. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- HASTINGS, P. The Cold War. Londres: Ernest Benn Limited, 1969.
- MAGNOLI, Demétrio (Org.). *História das Guerras*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- MARIGHELLA, Carlos. *Manual do Guerrilheiro Urbano*, 1969. Disponível em: <<http://www.documentosrevelados.com.br/wp-content/uploads/2015/08/carlos-marighella-manual-do-guerrilheiro-urbano.pdf>> Acesso em: 17 mai. 2021.
- OPERAÇÃO *rolling thunder* na guerra do Vietnã. Poder Aéreo, 2017. Disponível em <<https://www.aereo.jor.br/2017/07/10/operacao-rolling-thunder-na-guerra-do-vietna/>>. Acesso em: 14 abr. 2021.
- KISSINGER, H. *Ordem Mundial*. Tradução de Cláudio Figueiredo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

PAGE, C. U.S. official propaganda during the Vietnam War (1965-1973). Londres: The Leicester University Press, 1996. Disponível em:
<<https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.1028.8922&rep=rep1&type=pdf>>
Acesso em 10 abr. 2021.

SILVA, Bruno Izaías da. GUERRA DO VIETNÃ. Disponível em:<
<https://www.infoescola.com/historia/guerra-do-vietna/>> Acesso em 14 mai. 2021.

SUMMERS JR., Harry. introdução para On Strategy: A Critical Analysis of the Vietnam War. New York: Ed. Presidio Press, 1995. Disponível em
<<https://www.armyupress.army.mil/Journals/Edicao-Brasileira/Arquivos/Segundo-Trimestre-2019/Desvendando-Padroes-de-Pensamento-Ocultos-na-Guerra/>> Acesso em 19 mai. 2021.

VEJA, 22 de dezembro de 1999 ANO 32 Nº 51 Edição nº 1629 Veja Essa/ Por Maria Rita Alonso e Rosana Tonetti Pág; 114/117 Disponível em: <http://www.oexplorador.com.br>
Acesso em 27 mai. 2021.

VISACRO, Alessandro. A guerra na era da informação. São Paulo: Contexto, 2018.

VISACRO, Alessandro. Guerra irregular terrorismo: guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história. São Paulo: Contexto, 2009.

ANEXO A



FIGURA 1 – O ambiente operacional contemporâneo e suas três dimensões.
Fonte: BRASIL. Estado-Maior do Exército. *EB20-MC-10.213 Operações de Informação*, 1ª Edição, 2014.

ANEXO B

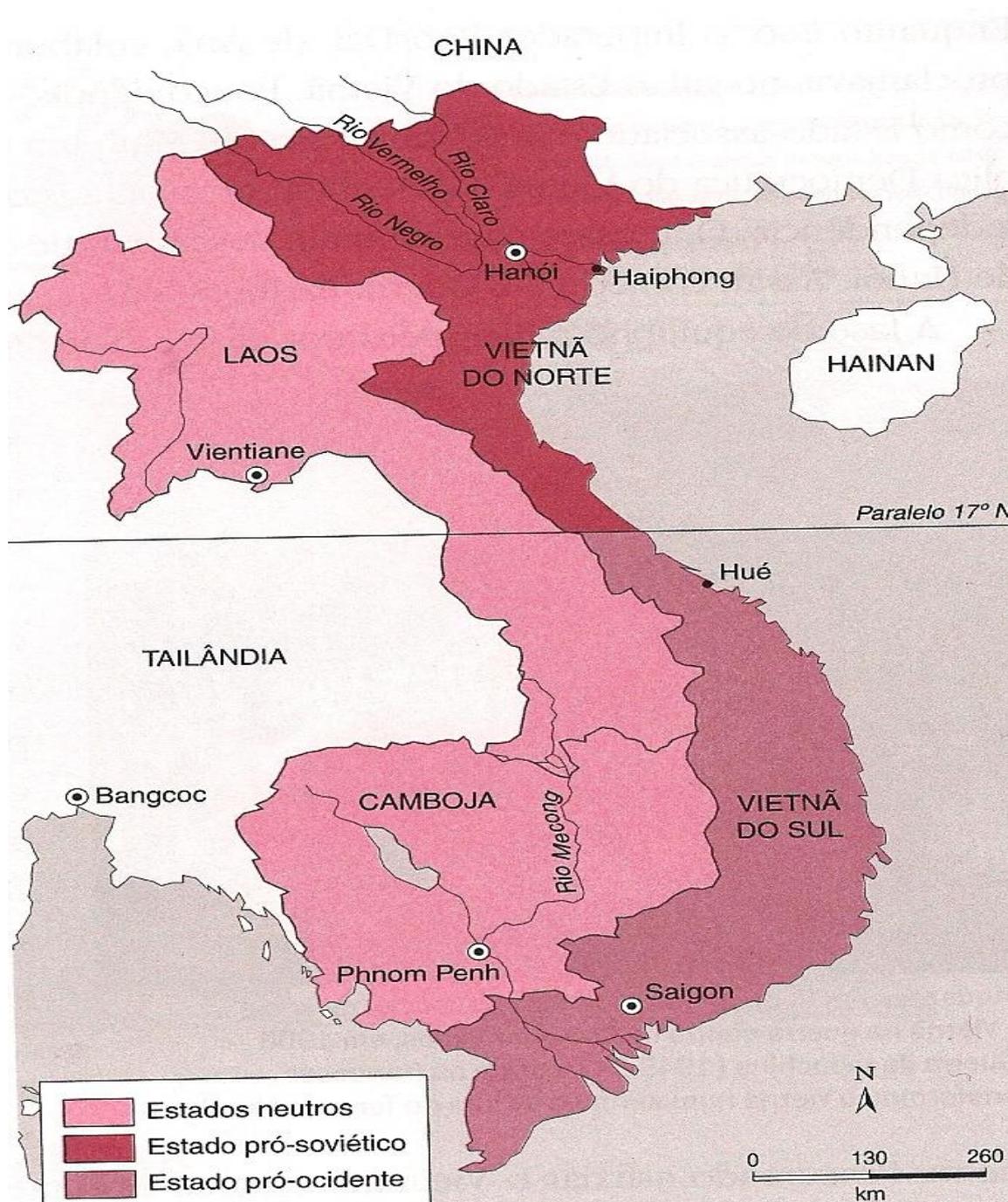


FIGURA 2 – Mapa do desmembramento do Vietnã em dois territórios.

Fonte: Disponível em: <<http://marcosbau.com.br/geopolitica/o-terceiro-mundo-descolonizacao-da-africa-argelia-e-asia-indochina/>> Acesso em 13 mai 2021.

ANEXO C



FIGURA 3- Trilha Ho Chi Mihn em apoio a sincronização de ataques na ofensiva do *Tet*.
 Fonte: Disponível em: <<https://revistaesmeril.com.br/batalha-por-hue-ofensiva-do-tet-1968-o-dia-em-que-os-americanos-foram-pegos-de-surpresa-pelos-vietcongs/>> Acesso em: 10 jul 2021

ANEXO D



FIGURA 4- Militares das Forças Armadas norte-americanas na Guerra do Vietnã.
Fonte: Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/10-fatos-que-voce-precisa-saber-sobre-a-guerra-do-vietna/>> Acesso em 04 abr 21.

ANEXO E



FIGURA 5- Massacre de *My lai*.

Fonte: Disponível em: <<https://grandesbatalhas.wordpress.com/2008/12/19/18-de-dezembro-36-anos-da-operacao-linebacker-ii/>> Acesso em 26 mai 2021

ANEXO F



FIGURA 6- Efeito colateral provocado por bombardeio em vilarejo civil.

Fonte:Disponívelem:<<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2019/08/guerra-do-vietna-5-fatos-para-entender-o-conflito.html>> Acesso em 26 mai 2021

ANEXO G



FIGURA 7- Imagens da ofensiva do *Tet* televisionadas ao vivo para todo o mundo.
Fonte: Disponível em:< <https://casepaga.blogs.sapo.pt/historia-contemporanea-1968-ofensiva-6688375>> Acesso em 08 mai 2021